

## O CORPO INANIMADO EM DIS(CURSO): DE COMO REBORN-BABIES SÃO TORNADOS BEBÊS\*

*Ane Ribeiro Patti – Universidade de São Paulo*

*Lucília Maria Sousa Romão – Universidade de São Paulo*

**RESUMO:** O propósito deste trabalho é colocar em questão um recorte de nossa contemporaneidade que faz falar algo que é *outra* coisa: com o advento das novas tecnologias e da gra(n)de rede, WWW, a disseminação da oferta/procura por bebês-renascidos (os chamados reborn-babies), por parte de algumas mulheres, produz discursos sobre eles (e tudo o mais que é discursivizado nessas condições de produção) e nos impulsiona a trabalhar em gestos de interpretação que coloquem em jogo um estranhamento sobre o brincar, sobre a infância, sobre a significação da criança e seu lugar em nossa contemporaneidade. Enunciamos nosso trabalho na inscrição teórico-metodológica proposta pela Análise do Discurso de Escola Francesa (AD) e daremos ênfase aos atravessamentos psicanalíticos nessa teoria (Freud e Lacan). A discussão teórica e a análise discursiva de alguns fragmentos irão traçar um horizonte para falarmos de sujeito, ideologia, inconsciente, produção de sentidos, internet, novas tecnologias e sobre o discurso capitalista que serve de pano de fundo para todos esses conceitos. De acordo com a teoria discursiva, é pressuposto que a historicidade componha um entroncamento com a língua e com o sujeito, que, por sua vez, é constituído pela interpelação ideológica – que naturaliza sentidos – e pelo inconsciente, que trabalha produzindo silêncios e ruídos na linguagem. Os discursos de reborn-babies vêm nos servir de corpus para tecermos esse entroncamento citado, a fim de promover uma reflexão sobre a linguagem e sua influência – em mão dupla – pela/na tecnologia e a geração desses novos discursos advindos dessas novas condições de produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Discurso. Tecnologia(s). Reborn-babies.

### INTRODUÇÃO

Estamos, no momento, prosseguindo com um doutoramento que se encontra em fase de pesquisa e seleção de dados para análise e que, portanto, ainda não contém uma conclusão definitiva, mas fechamentos de alguns tópicos com o fim de compartilhar recortes dessa tese em construção em eventos científicos, como aqui, no caso, no EVIDOSOL/CILTEC. Essa

\* Acesso ao registro da comunicação em Fórum: <<http://www.textolivre.org/forum/viewtopic.php?f=14&t=3833>>.

pesquisa é desenvolvida em um Laboratório Discursivo (e-l@dis) onde diversos pesquisadores estão implicados com a questão da rede (internet) e entrelaçados por um campo de trabalho que iremos apresentar a seguir.

Partimos de um lugar muito peculiar: da proposição de desenvolvermos aqui um trabalho inscrito no entremeio teórico-metodológico da Análise de Discurso de matriz francesa e da Psicanálise, fundada por Freud e relida por Lacan. Trilharemos um percurso com vistas a colocar em questão um recorte de nossa contemporaneidade que faz falar algo que é *outra* coisa: com o advento das novas tecnologias e da gra(n)de rede, WWW, a disseminação da oferta/procura por bebês-renascidos (os chamados reborns-babies), por parte de algumas mulheres, produz discursos sobre eles (e tudo o mais que é dito nessas condições de produção) e nos impulsiona a trabalhar em gestos de interpretação que coloquem em jogo um estranhamento sobre o brincar, sobre a infância, sobre a significação da criança e um de seus muitos lugares em nossa contemporaneidade.

Em nossa práxis, o sujeito é tratado não como um sujeito-indivíduo, ser empírico, sujeito do direito, mas como um sujeito discursivo que é efeito da linguagem, constituído a partir da relação com o outro por meio da linguagem e na História (LEANDRO-FERREIRA, 2011). Ainda de acordo com a teoria discursiva, é pressuposto que a historicidade componha um entroncamento com a língua e com o sujeito, que, por sua vez, é constituído pela interpelação ideológica – que naturaliza sentidos – e pelo inconsciente, que trabalha produzindo silêncios e ruídos na linguagem.

## DESENVOLVIMENTO

Enquanto sujeitos, estamos enredados em uma malha simbólica e imaginária perfurada pelo real, e isso deixa vestígios que demarcam nossa singularidade em toda a extensão da vida. Essa singularidade no com/tato com o outro, ou seja, no encontro com o outro, necessita de uma mediação que propicie tanto a preservação desse sujeito – de suas particularidades e as realizações parciais de seu desejo - como da civilização, que depende de pactos e acordos que normatizem até onde e como esse sujeito poderá gozar sua vida sem prejudicar a polis. Porém, esse sujeito não nasce assim, pronto; ele se constitui como efeito da linguagem, em uma tessitura com a História, que o antecede e que servirá de Arquivo (ROMÃO, 2011) para que ele emergja produzindo sentidos e não-sentidos em sua história particular, seus arquivinhos. Em nossa perspectiva de trabalho, as palavras significam muito antes de o bebê entender seus significados e servem tanto para comunicar quanto para não comunicar (PÊCHEUX, [1975] 2009): “(...) a expressão “instrumento de comunicação” deve ser tomada em sentido figurado e não em sentido próprio, na medida em que esse “instrumento” permite, ao mesmo tempo, a comunicação e a *não-comunicação*, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade (...)” (p.83). Na perspectiva discursiva, o sentido se produz na História, em uma tensão constante dos discursos, que operam deslocamentos, condensações, metáforas e metonímias, e o ato de tomar a palavra já é, por si só, um ato político. Essa tensão foi

também observada por Freud ([1905]), ao lançar seu olhar para a sexualidade humana, começando pela infantil, quando constatou que “*A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas*” (FREUD, [1905] 1996, p.171), e, ao ficar independente do uso pela necessidade, adentramos o campo do desejo. E a energia endógena que vai movimentar o circuito com o objetivo de obter satisfação é o que Freud chamou de pulsões, que só podem ser satisfeitas parcialmente, não têm compromisso com as funções biológicas, orgânicas, de preservação da espécie, como a reprodução, a evolução genética; pelo contrário, seu fim é a busca pela satisfação custe o que custar, podendo advir modos de gozo a partir daí que são da ordem do puro excesso: comer demais/de menos, ritualizar o cotidiano demais (os conhecidos transtornos obsessivos compulsivos), fetichizar o sexo (as modalidades de realização sexual que dependem sempre de um fetiche para se concretizarem), os vícios mais variados, etc. Podemos inserir um exemplo bem contemporâneo desses sintomas construídos na cultura, que é o uso permanente da internet e das redes sociais como forma de viver e se relacionar, o crer experimentar a vida pelo virtual, apenas. A pulsão escópica é talvez a mais privilegiada nessa sociedade do espetáculo, que “vive de olho”: no computador, nos suportes tecnológicos em geral, na televisão, no outro, etc. Mas ainda que somente “de olho”, o sujeito é portador da linguagem e, com ela, ele está na civilização, que precisa de um sujeito para existir, ao mesmo tempo que independe dele, no sentido da História e da cultura que ela porta e transporta (por e pelos sujeitos nos mais diversos suportes). A civilização, na verdade, está sempre por um fio, pois depende de que o sujeito tope “perder” em plenitude de seu gozo para poder “ganhar” em convivência com e no social. Sobre o sujeito e a civilização, Freud ([1930]) é categórico neste ponto em que também os antropólogos e sociólogos (LÉVI-STRAUSS, 1956, 1976) concordam: (com)viver em sociedade é custoso para o sujeito, em várias esferas; ele precisa perder (em natureza, em seu aspecto natural, ou narcísico, voltado para o autoerotismo) para poder ganhar (em simbólico, em relacionar-se, sublimar parte de suas pulsões), o que gera um (mal)estar na cultura. A fala produz sentidos, portanto, se é assujeitada ao código e inscrita no social, na História, que porta a memória discursiva que permite a emergência dos implícitos e também de novos sentidos, pois é furada (PÊCHEUX, 2010): “(...) sob o “mesmo” da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (p.53).

O que advém da falta de coordenação motora, da dependência do outro, da consciência da diferença eu-outro, portanto, retorna ao infans como algo muito perigoso, angustiante, pois é a percepção de sua frágil condição enquanto espécie, o que assegura o que chamamos de mal-estar e que também irá impulsionar o bebê humano rumo à cultura (LACAN, [1949]; LEVIN, 1997). Seja na vida cotidiana ou na forma virtual, precisamos, portanto, de mediações feitas a partir de delimitações, limites, acordos, e, onde a falta de limites impera, temos a produção de um discurso autoritário que impõe a incivilidade, a transgressão perpétua dos limites; um imperativo de gozo que dita: “passe ao ato!”, “Just do it”, “Viver sem limites”. Esse discurso reitera o efeito ilusório de uma plenitude que é irreal, da possibilidade de naturalizar (e às vezes normalizar) o obsceno, levar para a esfera pública o que antes participava da cena íntima, promovendo colapsos nas relações e causando um mal-estar no

sujeito, uma nova forma de desamparo do sujeito. Eis aqui um buraco da nossa contemporaneidade que relança questões de “como ser” mãe/pai dessas novas gerações que crescem naturalizando esse meio tecnológico, saturadas de informações e explícitos; “como ser” marido/esposa, patrão/empregado, professor/aluno, amigo(a)/colega e quaisquer outras nomeações que nos davam um lugar social e uma forma de agir nas relações, nesses novos tempos em que os antigos padrões são ruídos, em que a alteridade é apagada e há um empuxo à massificação que sustenta a repetição e propicia maiores lucros. Tal discurso, economicamente orientado, pode advir do mercado das tecnologias, da moda, dos esportes, da economia, da política, etc, e até mesmo do meio educacional, com seus objetos de gozo prêt-à-porter. Estar nesse discurso sem ser devorado por ele, sem repeti-lo integralmente, exige um trabalho do sujeito, uma construção, uma elaboração que propicie a feitura de novos laços sociais, a (com)vivência com a diferença, com a heterogeneidade, a luta pela metáfora (GADET e PÊCHEUX, 2011) e pela própria vivificação do sujeito, portanto, e é aí que entramos mais a fundo com a questão da linguagem e das novas tecnologias.

Nosso corpus de trabalho no doutoramento são discursos de reborneiras, e traremos aqui um fragmento. Antes, porém, vamos falar sobre o que é isso que se chama por reborn-baby (bebê renascido, traduzido literalmente), objeto de cuidados da(s) reborneira(s): são bonecos feitos à imagem e semelhança de um bebê humano, confeccionados por artesãs (chamadas também de artistas, cegonhas, etc) que tentam imprimir a eles expressões humanas, aproximando-os ao máximo da aparência de um bebê recém-nascido: o tamanho, tons de pele, cabelos e detalhes como manchinhas, veias aparentes, dobrinhas, furinhos, lágrimas, textura da pele, dos olhos, unhas, e até mesmo o peso são feitos para imitar um bebê humano. Até agora só encontramos na rede, nosso repositório de discursos, as publicações de sujeitos-mulheres, que enunciam seus desejos, discursivizam sobre suas práticas, contam de suas coleções e sobre as múltiplas atividades que realizam com seus bonecos, reborn-babies. Não nos cabe interrogar se são mulheres reais, indivíduos que executam o que dizem fazer em seus cotidianos, etc, e nem mesmo julgar essas práticas como algo bom ou ruim, mas escutar os efeitos que decorrem desses discursos, a produção de sentidos que se dá a partir dessas condições de produção e como a memória é acessada e subvertida, muitas vezes, a partir desses discursos. Pretendemos promover, com nossos gestos de leitura, uma interpretação que questione e estranhe o lugar que a criança vem ocupando em nossa sociedade contemporânea – como temos feito desde nossa dissertação de mestrado (PATTI, 2009) -, assim como interrogar os sentidos de mulher, mãe, maternidade, para rumarmos para o que fal(h)a aí e se abre para outros discursos.

## CONCLUSÃO

Analisando esses discursos de reborneiras sobre seus bebês inanimados e considerando que tal discursividade materializa-se na rede eletrônica (coletamos material em diversos blogs, um dos muitos espaços que na rede digital são endereçados à exposição da intimidade),

o que pinçamos até agora serve para ilustrar o que viemos discutindo até aqui sobre o sujeito discursivizado pelo capitalismo (que crê poder comprar o objeto que lhe falta, diz que é feliz, que não tá nem aí para o outro, busca perfeição, ri do engano do outro, publica sobre sua infantilidade, diverte-se na lógica da acumulação – consumir, colecionar os bonecos, nesse caso), além de marcar a importância da tecnologia afetando a linguagem e os modos de estar no mundo hoje. Evidencia-se, portanto, uma falta estrutural (real) que é tamponada pela ilusão da felicidade dada pela acumulação de objetos (reborns) inanimados, ou melhor, que nada demandam ao sujeito. O sujeito-reborneira aparece como ele mesmo sendo um sujeito-inanimado, identificado a um corpo de boneco (fixado a colas e resinas) que remete ao bebê humano congelado no espaço-tempo em que esse sujeito se fix(a)ou.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. (1905) Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1930). *O Mal-estar na civilização* (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1980.

GADET, Françoise e PÊCHEUX, Michel. A língua intangível. In: *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p.93- 105.

GADET, Françoise e PÊCHEUX, Michel. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu\* tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. (Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949). In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LEVIN, E. *A infância em cena: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor*. Tradução de Lúcia Endlich Orth e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. A Família. In: HARRY, L. S. *Homem, cultura e sociedade*. Ed Fundo de Cultura, 1956.

LÉVI-STRAUSS, C. *O Universo das regras*. Em: O espírito de família. 1976.

PATTI, A. R. *Sentidos e sujeitos discursivos: filhos e netos do narcotráfico no movimento do discurso*. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências, área: Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão e junto ao programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo, SP, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi ET AL. 4ª edição, Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2009.

ROMÃO, L. M. S. Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. In: ROMÃO, L. M. S. e ZANDWAIS, A. *Leituras do Político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.